

Ícones, hinos e festas: o culto bizantino à Maria

Icons, Hymns and Feasts: The Byzantine Cult of Mary

MARCOS ANTÔNIO DIAS*

Resumo: A reflexão que pretendemos realizar neste artigo levará em conta a liturgia bizantina, praticada pelos ortodoxos ou pelos católicos orientais. Buscaremos apresentar o culto da Virgem Maria no Oriente Cristão Ortodoxo, explorando a beleza das invocações, da iconografia, da hinografia e das festas litúrgicas. Evidentemente, este trabalho não pretende e nem poderia esgotar a riqueza desta venerável Tradição, cujo fundamento repousa na Maternidade Divina, na Virgindade Perpétua e na Santidade da Virgem Bendita.

Palavras-chave: Liturgia bizantina. Mãe de Deus. Ortodoxia. Iconografia. Hinografia.

Abstract: The reflection intended in this article will take into account the Byzantine rite, whether it is practiced by Orthodox or Eastern Catholics. It will seek to present the cult of the Virgin Mary in the Orthodox Christian East, exploring the beauty of invocations, iconography, hymnography and liturgical feasts. Evidently, this work does not and could not fully explore the richness of this venerable Tradition, whose foundation lies in the Divine Maternity, in the Perpetual Virginity and in the Holiness of the Blessed Virgin.

Keywords: Byzantine rite. Mother of God. Orthodoxy. Iconography. Hymnography.

* Pe. Marcos Antônio Dias é Mestre em Filosofia pela Faculdade de São Bento de São Paulo. Contato: m.a_dias@yahoo.com.br

Introdução

Desenvolvido a partir dos dogmas cristológicos, o culto à Maria na liturgia bizantina pode ser sintetizado nestas duas invocações: Santíssima Mãe de Deus e Sempre Virgem Maria. As linguagens artísticas procuraram explicitar o conteúdo dessa devoção, profundamente arraigada na Tradição Bizantina. Sabemos que as manifestações do belo colocam-nos em contato com o mistério revelado, expressando-o de modo não apenas estético, mas mistagógico; assim, valendo-nos deste conceito de “estética mistagógica”, é possível perceber como as definições do Concílio de Éfeso (431) foram apropriadas copiosamente pela experiência do belo, desembocando em manifestações de elevado valor estético, notadamente na pintura, na poesia, na música e na arquitetura.

Em Éfeso, triunfou a Cristologia de Cirilo de Alexandria. O documento doutrinal mais importante, aceito pelo Terceiro Concílio Ecumênico, a segunda carta de Cirilo a Nestório, declara explicitamente:

Assim [os Santos padres] não duvidaram em chamar genitora de Deus a Santa Virgem (...), não no sentido de que a natureza do Verbo e a sua divindade tenham tomado da Santa Virgem o princípio do ser, mas no sentido de que o Verbo se diz nascido segundo a carne, tendo tirado dela o santo corpo aperfeiçoado pela alma racional, ao qual era unido segundo a hipóstase (FORTE, 1991, p. 107).

Com efeito, o título “Mãe de Deus” (*Theotókon*) é o mais caro para a tradição ortodoxa e, mesmo a Virgindade Perpétua de Maria está vinculada ao dogma da Maternidade Divina. Posteriormente, foi se desenvolvendo a Teologia, que afirmava a Virgindade Perpétua de Maria como um modelo significativo de consagração a Deus. Deste modo, o motivo da virgindade de Maria que, desde muito tempo, estava ligado à fé cristológica, começou também a ser entendido em suas implicações espirituais e morais. Assim, a virgindade “antes do parto” foi cada vez mais sendo associada à virgindade “durante” e “depois do parto”. O desenvolvimento do tema da Virgindade Perpétua foi influenciado pela Teologia do modelo, que encontrava na Virgem o exemplo luminoso de uma existência totalmente oferecida a Deus. A “Toda Santa” era a guia concreta dos monges e virgens consagradas.

É preciso ponderar, não obstante, que a Igreja Ortodoxa não conhece dogmas puramente marianos, como é o caso da Imaculada Conceição e da

Assunção da Virgem. No entanto, a festa da Dormição da Mãe de Deus, por exemplo, uma das festas mais comemoradas pela Tradição Ortodoxa, celebrada no dia 15 de agosto, é precedida por uma preparação intensa, que inclui 14 dias de jejum em honra à Virgem Santíssima.

Para a ortodoxia, algumas das histórias apócrifas sobre a Virgem Maria são ditas como certas. Não obstante, ela não é recebedora dos privilégios que não são afirmados nas Escrituras ou na Tradição primitiva. O fundamental para a Ortodoxia é que Maria concebeu o *Logos* na carne, pelo poder do Espírito e, por isso, permaneceu livremente virgem por toda vida. O pecado original não teve efeito sobre ela, uma vez que era guiada e protegida pelo Espírito Santo. Maria é venerada em sua Dormição, quando morreu e sua alma foi levada para o céu, unida a seu corpo três dias depois de sua morte, Maria é habilitada por seu filho a agir como advogada, intercessora e modelo para a humanidade inteira.

A partir destes aspectos fundamentais, a arte bizantina, notadamente a iconografia, a música e a poesia se dedicaram a explicitar a Beleza da Mãe de Deus e o mistério do qual ela foi receptáculo.

1 Iconografia – A eternidade irrompe no tempo

Não há dúvida que a iconografia é uma das mais belas expressões da tradição bizantina. Para os cristãos do Oriente, o ícone não é uma obra de arte comum, mas é como o reflexo, na terra, das realidades celestes. Muitas vezes ignora-se que o Oriente discutiu por muito tempo a questão da legitimidade da veneração das imagens. Foi justamente a controvérsia iconoclasta (que julgava como idolátrica o culto prestado aos ícones) que abalou o império Bizantino dos séculos VIII e IX. A querela foi resolvida teologicamente no Segundo Concílio de Niceia (787), convocado pela Imperatriz Irene, e que assentou, definitivamente, as bases teológicas para assegurar a legitimidade da veneração das imagens sacras. “A razão dessa decisão deveria exercer uma influência decisiva no seguir dos tempos. É que ‘a honra prestada à imagem vai para o seu modelo, de modo que aquele que “adora” uma imagem, adora a realidade que ela representa.” (GILSON, 2010, p. 150).

Mas, o iconoclasmo reviveu alguns anos depois, e só foi definitivamente debelado em 843, graças à intervenção da Imperatriz Teodora, que assumira o

trono bizantino após a morte do imperador iconoclasta Teófilo, seu esposo. Ao assumir o posto de regente, Teodora contou com o auxílio dos conselheiros de Regência, que sabiam que a iconoclastia se mantivera até aquele momento apenas em deferência ao imperador. A 11 de março de 843, um sínodo, convocado pela Regente, erradica definitivamente a heresia iconoclasta, que resistia apenas na Capital do Império. A arte iconográfica já havia, nesse momento, ganhado todo o Oriente cristão.

A íntima relação entre as imagens e a doutrina cristológica, estabelecida no Sétimo Concílio Ecumênico, e sancionada pela Festa da Ortodoxia, levou ao aparecimento de um novo estilo na ornamentação das igrejas, característico da arte religiosa bizantina nos três séculos seguintes. Os mosaicos e as pinturas murais que passaram a adornar com profusão o interior das igrejas eram executados estritamente de acordo com os princípios teológicos, e em íntima ligação com as funções litúrgicas e a estrutura arquitetônica dos edifícios (KNOWLES e OBOLENSKY, 1974, p. 101-102).

A teologia iconográfica afirma a legitimidade da representação das realidades celestes, com base na encarnação de Cristo. Com efeito, o Inefável, ao assumir a natureza humana, santificou toda a matéria, que em Cristo está habilitada a representar o Inexprimível. “De acordo com o princípio segundo o qual a luz divina, a luz do monte Tabor, ilumina o mundo através de Jesus Cristo, os ícones de Maria e dos santos adquirem seu poder da sua conexão com Cristo. Cristo está, no Espírito, presente em seus santos. Entre os ícones dos santos o primeiro lugar pertence àqueles que representam a Mãe de Deus” (TAVARD, 1999, p. 101-102). É interessante notar que, para a Tradição Ortodoxa, há ícones de Maria que são cópias de quadros perdidos, que São Lucas teria pintado. A lenda afirma que estes quadros perdidos serviram de modelo para os ícones da Virgem, conhecida como “eleousa”; nestes ícones, o Filho é sustentado pela mão direita de Maria, e o rosto dele está encostado ao da mãe.

Maria é também representada em alguns ícones de Cristo. Naturalmente, nas Bodas de Caná, na Natividade de Jesus, na agonia da Cruz. Existem também ícones da vida de Maria representando sua Natividade, apresentação no templo, anunciação, fuga para o Egito e vários outros da Dormição de Nossa Senhora, cuja festa é uma das mais importantes para a Tradição bizantina.

Mas é interessante notar que à diferença das Madonas ocidentais, a personagem principal é sempre o menino Deus, levado nos braços. Sabemos que

Nestório se havia recusado a reconhecer Maria como Mãe de Deus (Theotókos). Jesus teria se tornado Deus apenas no batismo, portanto, Maria não era geradora de Deus. Ao resolver esta questão, o Concílio de Éfeso (431) abriu as portas para representações em que a grandeza da Mãe de Deus provém de seu filho (ANTUNES, 2010, p. 82-84). Assim, foi se consolidando no Oriente uma incomparável produção iconográfica, que valendo-se do dogma da maternidade divina, sublinhava a santidade da Virgem como arca incorruptível da nova e eterna aliança. Com efeito, há uma série de ícones que representam apenas o semblante ou o busto da Mãe de Deus, normalmente, a Virgem segura a criança ou esta permanece sentada em seu colo. “A mãe lhe serve de trono e sempre lhe está apontando, apresentando-o, intermediando-nos com o pequeno e Soberano Redentor. É a Beleza em si que se revela no menino” (ANTUNES, 2010, p. 85).

Normalmente, o ícone mariano enfatiza as definições dos primeiros concílios, notadamente Éfeso e Constantinopla II. Maria é a Mãe de Deus, a genitora do Deus verdadeiro, como homem, que nasceu verdadeiramente dela.

O Concílio Constantinopolitano II (553), que reúne os elementos mariológicos do dogma da Igreja antiga, afirma claramente no segundo anátema contra os ‘três capítulos’: quem não confessa que são dois os nascimentos do Deus Verbo, o de antes dos séculos, do Pai, fora do tempo e da corporeidade, e o dos últimos dias dele, que desceu do céu e tomou carne da Santa e Gloriosa Mãe de Deus e sempre Virgem Maria (...) e nasceu dela, seja anátema (FORTE, 1991, p. 113).

Ora, a incomparável graça que Deus concedeu à Santíssima Virgem e sua resposta generosa à missão que o Senhor lhe confiara é o fundamento, o ícone. Com efeito, através do “sim” dito livremente pela Mulher, o Absoluto circunscreve-se em carne humana, e possibilita o aparecimento da Imagem do Deus invisível. Daí decorre, naturalmente, que a Virgem Maria, pela graça única que lhe foi atribuída por Deus mesmo, ocupe o primeiro lugar entre os eleitos. “Na tradição oriental de ícones, Maria aparece num lugar privilegiado na iconóstase, a tela na frente do altar que representa Cristo, os anjos, os patriarcas e os santos. Ela é o centro da comunhão dos Santos porque alcançou a glorificação final à qual a Igreja aspira” (COYLE, 2012, p. 108).

Os ícones fazem parte da compreensão cristológica da era patrística. No entanto, São Simeão, o novo teólogo (949 – 1022), monge de Bizâncio, intuiu

que a Teologia não é um exercício escolástico, mas a expressão verbal de uma descoberta interior dos mistérios de Deus. Do mesmo modo, poderíamos afirmar que os ícones são expressões materiais destes mesmos mistérios, no caso em questão, do mistério fundamental para a liturgia bizantina: a Maternidade Divina e sua Virgindade Perpétua.

O que a história dos ícones demonstra é que o ensinamento e a doutrina ortodoxa se preocupam, de modo particular, com a fidelidade à tradição patrística em relação a Cristo e à Virgem Maria. Ela é antes de tudo a “Mãe de Deus”, a “Sempre Virgem”, a “Toda Santa”. Os seus inúmeros ícones colocados nas Igrejas e lares são prova de uma devoção incomparável. É assim que, antes de iniciar a Divina Liturgia, o Sacerdote, depois de dirigir-se ao ícone de Cristo, volta-se para o ícone da Virgem Maria e reza: “Ó Mãe de Deus, fonte da misericórdia, torna-nos dignos de tua compaixão; volve o teu olhar para nós, o teu povo pecador; mostra-nos, como sempre, o teu poder. Depositando em ti a nossa esperança, nós te aclamamos: Salve! como outrora Gabriel, o príncipe dos Anjos” (HIERATIKON, 2015, p. 9). Recolhido diante do ícone, o fiel se transporta para uma outra realidade, irrompe o tempo cronológico, para adentrar na experiência mística de adentrar um novo mundo de sentidos e sentimentos.

2 A hinografia

A liturgia bizantina apresenta um forte caráter hínico, o que a distingue da liturgia romana que, embora possua uma hinografia variada, não a utiliza com a mesma profusão que a liturgia bizantina. No que se refere ao seu desenvolvimento, principalmente na área de língua grega, distinguem-se dois grandes períodos: primeiramente, o da hinologia carismática dos primeiros séculos cristãos e depois, o da poesia litúrgica da época bizantina, que encheu numerosos e grossos livros litúrgicos ortodoxos. A hinografia dos primeiros séculos cristãos era constituída, essencialmente, de hinos em prosa ou hinos de ritmo livre, que se moviam em sintonia com os salmos e cânticos da Antiga Aliança. No Ocidente, a hinologia permaneceu limitada, constituída pelos 150 salmos, pelos cânticos do Antigo Testamento e pelas sequências dos tempos festivos. No Oriente, porém, as coisas foram diferentes. O intercâmbio com a língua síria propiciou o surgimento de uma nova poesia eclesial grega, de modo que

já nos séculos V e VI foram inseridos nos Salmos e nas leituras estrofes breves, os *Tropários*.¹ Um influxo posterior deriva da união da hinografia com a pregação, surgindo o *Kondaquion*, uma pregação em versos, a cuja forma de hinografia pertence o *Akathistos*, o famoso hino à Virgem Maria, atribuído a Romano, o melodioso, morto em Constantinopla, na segunda metade do século VI (VV.AA., 1979, p. 55-57).

A Santa e Divina liturgia de São João Crisóstomo, celebrada durante o tempo pascal, em vários momentos faz referência à Mãe de Deus. Antes do *kondaquion* final da procissão do evangelho, reza-se o *Troparion* da Padroeira, o mesmo que é cantado na festa da Dormição: “Em tua maternidade, conservaste a virgindade, e em tua morte não abandonaste o mundo, ó Mãe de Deus. Passaste para a Vida, tu que és a Mãe da Vida, e que, por tuas orações, livra da morte as nossas almas” (HIERATIKON, 2015 p. 211).

Maria, no mistério da encarnação, representa o conteúdo primeiro e original da hinologia bizantina. Com efeito, a encarnação é um dos temas mais cantados em toda a liturgia ortodoxa. O hino à Mãe de Deus (*Theotokion*), nas liturgias eucarísticas dominicais, é um exemplo típico: “O mistério eternamente oculto e dos anjos desconhecido, através de ti, ó Mãe de Deus, encarnando-se, apareceu na terra, voluntariamente aceitou a Cruz, e com ela ressuscitou o primeiro criado, e salvou da morte as nossas almas” (Ibid, p. 220). Outros hinos concentram-se mais propriamente no mistério da intercessão da Virgem, como o *Kondakion* rezado nos dias comuns: “Ó admirável e protetora dos cristãos e nossa medianeira do Criador, não desprezes as súplicas de nenhum de nós pecadores, mas apressa-te em auxiliar-nos como Mãe bondosa que és, pois te invocamos com fé: roga por nós, junto de Deus, tu que defendes sempre aqueles que te veneram” (Ibid, p. 43).

A figura de Maria como Mãe virginal de Deus, diz quanto o mistério encerra, por isto o crente não se cansa de contemplar tal mistério, ainda que não o possa compreender. Na verdade, aqui temos caracterizado uma forma de apofatismo, pelo qual o espírito rejeita uma teologia racional sobre Deus; a ideia fundamental é que não existe teologia fora da experiência do encontro com o inefável (VV.AA., 1979, p. 63-65).

1. Esta palavra, de origem grega, designa, de modo geral, um canto no qual tomam parte o povo, o coro e um solista; normalmente, são cantados enquanto se realizam procissões. Os tropários são um pouco mais longos que as antífonas e possuem um aspecto poético mais acentuado.

Não resta dúvida de que Maria ocupa um lugar especial na liturgia bizantina. Liturgia para os ortodoxos refere-se, especificamente, à celebração eucarística. No entanto, aqui usamos liturgia no sentido genérico. As partes hínicas da liturgia das horas terminam sempre com um “glória ao Pai”, acrescido de uma estrofe consagrada à memória da Mãe de Deus, isto é, um *Theotokion*. Além disto, as várias orações de súplica terminam sempre com uma fórmula em que os fiéis se consagram a si mesmos e, mutuamente, a Cristo, mas curiosamente a prece é dirigida à Maria, como a comunicar-lhe o ato de Consagração feito ao Senhor. Entre as orações com que o sacerdote se prepara para a liturgia eucarística encontram-se numerosos *tropários* marianos.

Na preparação dos dons sacrificais o padre depois de ter partido o Cordeiro, rompe uma pequena partícula do pão com as palavras ‘Em honra e em memória da nossa excelsa e gloriosa Senhora, a Mãe de Deus e sempre virgem Maria. Por suas orações, acolhe este sacrifício sobre o teu altar nas alturas do céu’. Depois, coloca-a à direita do Cordeiro dizendo: ‘A rainha manteve-se à tua direita, ornada de um manto bordado de ouro’. (...) Entre as antífonas da liturgia, justamente a primeira apresenta este estribilho: ‘Por intercessão da Mãe de Deus, livra-nos o Salvador’. Também a segunda antífona recorda Maria, no Cântico do ‘Ó unigênito Filho e Verbo de Deus’. Particularmente solene é a memória da mãe de Deus no curso da anáfora. Enfim, a oração de despedida – como de resto acontece também na liturgia das horas – recorda mais uma vez a Mãe de Deus” (Ibid, p. 60-61).

A primeiro de janeiro, data da circuncisão de Nosso Senhor, na liturgia bizantina, a Igreja também eleva a Maria um Hino de louvor, destacando a exultação de toda a terra pelo mistério da encarnação. Há sempre que se recordar que a encarnação é o mistério suficiente para que os homens e os anjos e todo o orbe irrompam em cantos festivos.

Ó cheia de graça, em ti rejubila-se toda a criação. A assembleia dos Anjos e o gênero humano te glorificam, ó templo santificado, paraíso espiritual e glória das virgens, na qual Deus se encarnou e da qual tornou-se Filho aquele que é nosso Deus antes dos séculos; porque fez de teu seio um trono e as tuas entranhas, mais vastas do que os céus. Ó cheia de graça, em ti rejubila-se toda a criação e te glorifica! (HIERATIKON, 2015, p. 198).

Há hinos belíssimos dedicados à Mãe de Deus, também durante a Quaresma. O *Kondaquion* da Quaresma, após a procissão do evangelho, louva o poder da Virgem Bendita. O mesmo hino é entoado a cada 25 de março, na Festa da Anunciação do Anjo à Santíssima Virgem:

Nós, teus servos, ó Mãe de Deus, te conferimos os lauréis da vitória, penhor de nossa gratidão, como a um general que combateu por nós e nos salvou de terríveis calamidades. E como tens um poder invencível, livra-nos dos perigos de toda espécie, para que a ti clamemos: Salve, Esposa sempre Virgem! (Ibid, p. 202).

3 Festas litúrgicas

O ano litúrgico ortodoxo reserva três grandes festas para a Virgem Bendita. Natividade de Maria (8 de setembro), apresentação de Maria (21 de novembro) e Dormição de Maria (15 de agosto). Há outras festas que são de Cristo e de Maria ao mesmo tempo, como a anunciação, e existem, ainda, algumas outras festas menores, como a da concepção de Ana, do Patrocínio de Maria e uma, dedicada especialmente aos ícones de Maria.

O mês de agosto é dedicado especialmente a Maria, primeiramente, em razão dos 14 dias de jejum que precedem a festa da “Dormição da Mãe de Deus”. Em todos os dias deste jejum, a área grega da ortodoxia celebra um ofício votivo próprio, em honra à Maria. Talvez seja esta a festa mariana mais célebre e cara à tradição bizantina. A Dormição da Teotókos é a definitiva proclamação para os cristãos da vitória que o Senhor consagrou à sua Mãe, e desta vitória os fiéis desejam participar pela liturgia, e enquanto aguardam, eles mesmos, a sua Páscoa, imploram à Mãe de Cristo, sua intercessão: “Todas as gerações te proclamam bem-aventurada, ó única mãe de Deus, ó Virgem pura! Em ti todos os limites da natureza foram superados, pois o parto te conservou virgem e a morte prenunciou em ti a vida. Ó Mãe de Deus, virgem após o parto e viva após a morte, salva sempre a tua herança! (Ibid, p. 211-221).

A mesma solenidade da Assunção é seguida de uma oitava, que termina no dia 23. Finalmente, no dia 31 de agosto, a ortodoxia celebra a festa da deposição do cinto da Mãe de Deus, que recorda o traslado desta relíquia para Jerusalém, provavelmente realizado durante o reinado de Arcádio ou Teodósio II.

No período da Quaresma, o sábado que precede o quinto domingo é chamado Sábado *Akathistos*, por causa do grande hino à Virgem composto no século VI. O hino akatista à Theotokos é composto de doze estrofes, cada uma das quais em duas partes desiguais. A primeira parte geralmente exprime o mistério. A segunda, que é mais extensa, inclui uma ladainha de louvores. A cena é toda estabelecida na Anunciação, entre a vinda do Anjo ‘incorpóreo’ (I), a permanência do Senhor no Seio de Maria (II) e a sua vinda ao mundo (XII)” (TAVARD, 1999, p. 109). Seguem algumas das invocações próprias do *Akathistos*, cujos episódios terminam sempre com a mesma invocação: “*Salve, noiva não desposada*”:

Salve, aquela por quem a verdadeira ventura despontou...

Salve, a iniciada no plano inefável de Deus...

Salve, vinho de um rebento imarcescível...

Salve, Mãe do Cordeiro e também do Pastor...

Salve, Mãe da estrela que não se põe...

Salve, tu que ergueste a humanidade...

Salve, flor imarcescível...

Salve, tu que compreendeste o incompreensível...

Salve, cofre da Sabedoria de Deus...

Salve, coluna de pureza...

Salve, raio do sol espiritual...

Salve, tabernáculo de Deus e do Verbo...

Finalmente, na festa da Natividade da Mãe de Deus, a Igreja reza: “A virgindade é impossível às mães e a maternidade alheia às virgens; mas, uma e outra, aliaram-se em ti, ó Mãe de Deus. Por isso, nós e todas as nações da terra, sem esmorecimento, te proclamamos bem-aventurada” (HIERATIKON, 2015, p. 192). Assim, também na Apresentação de Maria, a liturgia bizantina aclama:

Os Anjos, vendo a entrada da puríssima, admiraram -se como a Virgem entrou no Santo dos Santos. Que nenhuma mão profana a toque, ela, a arca viva de Deus; mas que os lábios dos fiéis cantem sem cessar à Mãe de Deus, a saudação do Anjo, clamando com entusiasmo: ‘Ó Virgem pura, és realmente a mais elevada de todas as criaturas!’ (Ibid, p. 194).

Mesmo a concepção de Sant'Ana é celebrada com festa própria, a 09 de dezembro, a fim de honrar a progenitora da Mãe de Deus, com o Apolitikion, tropario do dia, que assevera: Hoje se desatam os laços da esterilidade, Deus ouve as preces de Joaquim e Ana e lhes promete claramente que, contra toda esperança, darão à luz a filha de Deus, da qual nasceu ele próprio, o Onipotente, quando se fez homem, ordenando ao Anjo saudá-la: “Salve, cheia de graça, o Senhor é contigo!” (HIERATIKON, 2015, p. 195). Como percebemos mais uma vez, todo louvor tributado à Maria retorna sempre ao mistério por excelência, o Verbo de Deus se fez carne e habitou entre nós.

Ademais das celebrações que constam no calendário litúrgico bizantino, o uso das relíquias e ícones em ocasiões de grandes perigos foi recorrente, ao longo da História do cristianismo bizantino; existiam em grande quantidade em Constantinopla e sempre foram cobiçadas pela Igreja do Ocidente. De tal modo que, por ocasião do saque de 1204, perpetrado pelos cruzados – coisa que a ortodoxia nunca perdoou ao papado – entre os bens mais preciosos e mais desejados estavam as relíquias de Cristo, de sua Santa Mãe e de vários Santos. Assim, atribuiu-se à proteção da Virgem, entre outros, a Vitória de Constantinopla sobre os persas e os avaros em 626, que teriam sido dispersos por um forte vendaval.

Na ausência do imperador Heráclio (610-640), consta que o patriarca Sérgio I (610-638) organizou uma procissão com ícones nas ruas da Capital para incentivar o povo e os soldados a resistirem. Em outros momentos, a Virgem foi invocada pelos bizantinos com a mesma eficácia, usando-se para isso relíquias sagradas, assim, o uso de um véu, que se acreditava de Maria, repeliu um ataque russo em 860. (FRANCO JR. e ANDRADE FILHO, 1985, p. 25).

Este ambiente de sobrenaturalidade, que se concretizava através de sinais visíveis, fez com que os bizantinos, envolvidos nesse ambiente de profunda religiosidade e piedade popular, levassem com muita seriedade as discussões teológicas e as conhecessem de modo profundo, bem diferente dos cristãos do Ocidente, geralmente de espírito mais prático que, embora aceitando os dogmas da Igreja, delegavam sua reflexão aos clérigos e teólogos. No entanto, para a Ortodoxia, uma devoção não precisa se transformar em doutrina compulsória. O Espírito leva os fiéis a entenderem o Mistério da Maternidade

Divina e da Virgindade Perpétua de Maria, sem que para isto seja necessária a definição de novos dogmas.

Conclusão

Conforme podemos observar, o culto a Maria, na Tradição Bizantina, tem seu fundamento no dogma da Maternidade Divina e da Virgindade Perpétua. Com efeito, na Ortodoxia, Maria está sempre associada ao mistério da encarnação do Verbo. A hinologia e a iconografia buscam celebrar este mistério de modo abundante, variados são, pois, os ícones e hinos dedicados à Mãe de Deus, de modo que um trabalho como este, jamais poderia esgotar a riqueza destas expressões. Por isso, buscamos nos ater aos elementos básicos e essenciais do culto mariano, considerado apenas na sua expressão bizantina, que é aquela desenvolvida pela Igreja de Constantinopla e pelos patriarcados da Grécia, Rússia e Igrejas Balcânicas, entre outras.

É importante notar como as celebrações litúrgicas bizantinas – de Ortodoxos e Católicos que conservam o rito bizantino – está fortemente marcada pela presença da Virgem Maria, ainda que não se esteja celebrando uma de suas festas ou solenidades. Deste modo, multiplicam-se os hinos que buscam cantar os louvores da “Toda Santa”. Toda a compreensão mariológica da Ortodoxia está ligada aos sete primeiros concílios, aqueles que foram celebrados antes do Cisma que dividiu o Cristianismo em Ocidental e Oriental. Constantemente, são evocados os Santos padres e suas apologias à Sempre Virgem Mãe de Deus e aos Sagrados Mistérios de Cristo, Deus e homem.

Apesar de a Igreja Ortodoxa não conhecer os dogmas da Imaculada Conceição e da Assunção aos Céus, já que estes foram proclamados muito tempo depois da ruptura de 1054, celebram-se, na Ortodoxia, festas e invocações que estão muito próximas a estes cultos desenvolvidos no Ocidente, como é o caso da Festa da “Dormição da mãe de Deus” e da invocação de “Toda Santa”. A Ortodoxia entendeu que não havia necessidade de transformar realidades celebradas em dogmas definidos em fórmulas longas ou breves. Os Sete Concílios são o fundamento e não há necessidade de outras inovações.

O estudo das tradições bizantinas, ainda muito pouco difundido nos centros teológicos do catolicismo romano, pode ser um modo de estreitarmos mais os laços entre Cristãos do Oriente e Ocidente. Além do culto a Cristo, Senhor e Salvador, o culto a Maria, tão caro a estas duas mais antigas vertentes do cristianismo, poderia ser uma força propulsora para um diálogo mais concreto. Infelizmente, os dois lados ainda ignoram as múltiplas tradições que se desenvolveram, separadamente, mas conservaram os fundamentos mariológicos dos Concílios de Éfeso e Constantinopla II. Além desta contribuição ecumênica, a partilha recíproca das tradições marianas de Católicos e Ortodoxos enriqueceriam, profundamente, a Teologia de ambas as Igrejas. De modo que os católicos aprenderiam a valorizar o patrimônio teológico-doutrinal pensado nos primeiros concílios, enquanto os Ortodoxos seriam convidados a ver Maria como a mãe terna e boa de cada um dos cristãos.

Referências

- ANTUNES, Otávio F. *A beleza como experiência de Deus*. São Paulo: Paulus, 2010.
- COYLE, Kathleen. *Maria tão pela de Deus e tão nossa*. São Paulo: Paulus, 2012.
- FORTE, Bruno. *Maria, a mulher ícone do mistério*. São Paulo: Edições Paulinas, 1991.
- FRANCO JR, Hilário; ANDRADE FILHO, Rui de Oliveira. *O Império Bizantino*. São Paulo: Editora brasiliense, 1985.
- GILSON, Étienne. *Introdução às artes do Belo*. Tradução de Érico Nogueira. São Paulo: É Realizações, 2010
- HIERATIKON – Missal Bizantino. SPERANDIO, João Manoel; TAMANINI, Paulo Augusto (orgs.) Teresina: EDUFPI, 2015.
- KNOWLES, David; OBOLENSKY, Dimitri. *A Idade Média*. v. 2. Tradução de João Fagundes Hauck. Petrópolis: Vozes, 1974.
- OSTROGORSKY, Georg. *Storia dell'impero bizantino*. Torino: Einaudi Tascabili, 1993.
- TAVARD, George. *As múltiplas faces da Virgem Maria*. São Paulo: Paulus, 1999.
- VV.AA. *O culto a Maria hoje*. São Paulo: Edições Paulinas, 1979.

Artigo recebido em 09/09/2019 e aprovado para publicação em 04/10/2019

ISSN 1677-7883

DOI: <http://dx.doi.org/10.31607/coletanea-v18i36-2019-2>

Como citar:

DIAS, Marcos Antônio. Ícones, hinos e festas: o culto bizantino à Maria. *Coletânea: Revista de Filosofia e Teologia da Faculdade de São Bento do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 36, p. 283-296, jul./dez. 2019. Disponível em: www.revistacoletanea.com.br